

## CONFERÊNCIA

### INFLUÊNCIA DA GEOGRAFIA FÍSICA SOBRE A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA EUROPA (AS INVASÕES BÁRBARAS VISTAS PELO GEÓGRAFO) (1).

Nossos hábitos espirituais nos levam a procurar no desígnio dos homens, as causas iniciais de acontecimentos que trazem modificações notáveis à carta política do mundo. Ninguém pensaria em contestar que a origem do efêmero Império Francês de 1811, a expansão britânica ou as duas guerras mundiais que o século XX, para nossa desgraça, viu desencadeadas, tivessem tido o impulso de um chefe ou de um grupo de chefes. Parece-nos evidente que essas grandes emprêsas não teriam existido se os homens, se certos homens, não as houvessem desejado e preparado.

Há, entretanto, sério perigo em erigir-se tal interpretação em princípio para considerá-la válida na apreciação de todos os casos. A geografia, que tantos benefícios auferi dos frequentes contactos com a história, dá-lhe em troca possibilidades de esclarecer vastos movimentos humanos (que edificaram ou derruíram também impérios) não impulsionados pela iniciativa dos indivíduos, mas por forças estranhas à alma humana.

Tal foi o caso da história das invasões bárbaras que, do III ao X século da nossa era, convulsionaram a Europa Ocidental. Cometeríamos um erro completo imaginando, na origem das invasões germânicas que derrubaram o Império Romano, um intuito de conquista, comparável àquêle que animou, em 1914, uma fração importante do grupo de políticos e militares que cercava Guilherme II. Observamos o invasor germânico através do testemunho de um homem que se encontrou face a face com êle, e que não é outro senão César.

(1). — Conferência proferida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. O texto francês foi revisto pelo autor e traduzido por E. Simões de Paula.

Nos seus **Comentários**, César relata a conversação muito significativa mantida com os chefes de uma horda germânica que transpusera o Reno e que, seguindo a rota natural das invasões, atingira a região de Namur (IV, 1, 4). Declararam os chefes bárbaros: os germanos não tomam a iniciativa de fazer guerra ao povo romano; se entraram na Gália, fizeram-no contra sua vontade (**invitos**) e porque haviam sido expulsos de suas próprias terras (**ejectos domo**). Lembremo-nos sempre dessa passagem; ela reaparecerá constantemente nas narrativas das invasões germânicas. Foi ela que sugeriu a Ferdinand Lot (2) este trecho do seu livro sobre as invasões germânicas (p. 31):

“A violência e a repetição obstinada dos ataques contra o Império Romano, explicam-se sem dúvida pela necessidade em que se encontravam os assaltantes de fugir das regiões expostas a prodigiosas convulsões. Os germanos que se lançam como desesperados sobre a fronteira romana, são impelidos, pela retaguarda, por outras tribos que, por sua vez, são premidas por tribos recém-chegadas. E’ como a vaga de profundidade produzida por erupção submarina que vai arrebear numa praia longínqua”.

Esse trecho narra muito exatamente o fenômeno, mas não nos revela a causa. Descreve-nos a marcha e os efeitos da vaga de profundidade, mas nada nos diz sobre a agitação provocada. Lamentamos esse silêncio porque sentimos bem que, se pudéssemos saber a causa desses movimentos de povos, estaríamos em condições de compreender um dos mais complexos problemas da história européia. Não devemos nos admirar se, neste ponto, o historiador emudecer, porque a solução desse problema de interesse capital, deve ser procurada, não nos documentos históricos, mas no estudo dos fenômenos naturais. A geografia nos mostra que as causas iniciais que almejamos descobrir, só se encontrarão bem longe, a leste das regiões habitadas pelos germanos na Antigüidade clássica, e mesmo para além da passagem entre o Ural e o Mar Cáspio, no centro da enorme massa continental formada pela Europa e a Ásia reunidas. Lá se estendem imensas planícies e planaltos caracterizados por um traço comum: a aridez. Aridez tal que leva os cursos d’água a desaparecerem no areial; planícies e planaltos onde o crescimento das árvores e a própria agricultura se tornam impossíveis, a menos que se pretenda aproveitar — mas isto é uma vantagem concedida apenas a alguns oasis — as águas fornecidas pela derretedura da neve das altas montanhas. Sobre maior parte dessas planícies euro-asiáticas, as chuvas fracas, tra-

---

(2). — Cf. LOT (Ferdinand). — *Les invasions germaniques. La pénétration mutuelle du monde barbare et du monde romain.* Paris. Payot. 1945 (2a. edição). 340 pp. (Nota do tradutor).

zidas pela primavera e pelo verão, não conseguem alimentar senão uma estepe temporária e rala. Essa pobre vegetação oferece pastagem que não deixa de ter valor nutritivo, mas que, uma vez consumida, só se reconstitui no ano seguinte, quando não desaparece para sempre. Basta, para isso, que a quantidade de chuva não atinja o índice normal.

A região pode, pois, alimentar herbívoros, e os alimenta com efeito, mas, para que esses animais possam manter-se com as pastagens ralas e logo consumidas, é indispensável que sejam capazes de marchar rapidamente, e durante muito tempo, porque o exgotamento imediato dos recursos alimentícios fornecidos pela vegetação das estepes os obriga a constantes deslocamentos. E' nesse ambiente que o cavalo, antes de espalhar-se pelo mundo e de adaptar-se a regiões muito diversas, adquiriu a aptidão para a corrida, aptidão essa que o fêz, até o advento do maquinismo, o melhor auxiliar do homem na guerra, na locomoção pessoal e no transporte de cargas. O carneiro, caminhante infatigável, provido de uma mandíbula que lhe permite ingerir plantas as mais coriáceas, e o camelo, adaptado aos tipos mais quentes e mais áridos do clima estépico, são também animais naturalmente preparados para a vida em tal meio. O homem para aí penetrar e subsistir, foi obrigado a fazer-se pastor, isto é, a viver desses animais, depois de os ter domesticado.

Mas como a procura de pastagens obriga os herbívoros a deslocamentos contínuos, o homem, ligado aos rebanhos de que vive, não pode ter residência fixa. E', por necessidade, nômade, como os animais de que tira todos os seus meios de subsistência, alimento e vestuário. Vive a cavalo e dorme sob a tenda. Para o transporte das mulheres, crianças e bagagens, usa vastos carros de quatro rodas, para a construção dos quais vai buscar a madeira na periferia do mundo estépico, no limiar das florestas que anunciam regiões suscetíveis de agricultura. Quando a aridez do clima se associa, como é aqui o caso, à platitude do relevo, não há necessidade alguma de construir estradas para permitir o emprêgo desses enormes veículos. Pode-se fazê-los rodar sobre o solo natural, homogenizado pelo contínuo depósito de uma camada de resíduos finos que aí permanecem, por falta de escoamento.

Grupos de cavaleiros enquadrando rebanhos de camelos e de carneiros, seguidos por um comboio de pesados carroções, tal é o aspecto eterno dessa humanidade estépica. A extraordinária fixidez de seus caracteres, através dos séculos, é atestada por mais de um exemplo. O hábito de beber o leite das éguas, ainda hoje generalizado entre os kirghizes das margens do Mar de Aral, foi notado há três mil anos

pelos helenos da Ásia Menor como um dos traços distintivos dos povos das estepes, a que a *Ilíada* (13, 5) dá o qualificativo de *ἵππημολγοί* (**Hippemolgoi**) “os tratadores de éguas”. O historiador grego Heródoto, há mais de dois mil anos, dizia dêsses mesmos bárbaros, citas para êle, “que seus carros são suas casas” (IV, 46). Dezoito séculos mais tarde, no XIII século da nossa éra, o monge Rubrouck, enviado como embaixador aos tártaros (chamavam-se de tártaros, na Idade Média, os povos que tinham o mesmo **habitat** geográfico e o mesmo gênero de vida que os citas da Antigüidade clássica) deixou de sua embaixada uma narrativa em que fala de seu espanto ao ver os vastos carroções dos tártaros. Êsses traços pitorescos, e muitos outros que caracterizam os nômades das estepes, são efeitos diretos ou indiretos, mas certos, das necessidades naturais. E como o gênero de vida muito original que os particulariza deve suscitar inevitavelmente, certas maneiras de pensar ou de sentir, pode dizer-se, sem exagêro, que a psicologia do nômade é um reflexo do meio natural em que vive.

A geografia física, e mais precisamente a hidrografia, oferece um critério que permite determinar, aproximadamente sobre o globo terrestre, as regiões naturais em que êsse gênero de vida é o único concebível. Pode-se mesmo dizer, de uma maneira geral, que tais regiões correspondem àquelas em que os cursos d'água, por falta de alimentação suficiente, não dispondo de força necessária para abrir um caminho até o mar, se estagnam em bacias internas, quando não desaparecem absorvidos pelos areais. A falta de chuvas nessas regiões justifica igualmente a inexistência de uma vegetação arborescentes e a incapacidade de satisfazer às mínimas necessidades da agricultura.



Os homens que tangem seus rebanhos de cavalos através dessas regiões áridas, teriam podido ameaçar a paz do mundo se a pobre vegetação que exploram tivesse ao menos a vantagem de reconstituir-se regularmente. Teriam então organizado suas migrações de maneira a encontrar sempre novas pastagens que permitissem aguardar que as consumidas se reconstituíssem. E' bem isso, com efeito, que êles procuram fazer. As migrações pastorais das estepes tendem a tomar um caráter cíclico. São porém, muitas vês impedidas pela desoladora irregularidade das chuvas. Com efeito, essas chuvas apenas suficientes para assegurar a formação de um magro tapete herbáceo, variam em quan-

tidade, de ano para ano, muito mais que as abundantes chuvas das regiões florestais. Na Europa Ocidental, úmida, a diferença média entre as quantidades de chuva que caem de um ano para outro não passa de 15% do volume total, enquanto que nas regiões áridas, essa diferença se eleva até 30 e mesmo 40%. Isso significa que as escassas chuvas mantenedoras da vegetação estépica podem, em certos anos, faltar a ponto de não mais permitir a reconstituição das pastagens. Quando êsse acidente se produz, não há para os animais da estepe, e para os homens que vivem dêsses animais, outra alternativa senão a morte ou a fuga; a fuga para regiões mais úmidas, onde anualmente a vegetação, sob a forma de pastagens que reverdecem ou de colheitas que amadurecem, traz à vida um sustentáculo certo.

Trata-se aí não de fatos históricos, mas de leis físicas. A necessidade que, a intervalos mais ou menos curtos, obriga o nômade a fugir para as terras conquistadas pela agricultura sedentária, é de todos os tempos. E' anterior à história e é atual. Mas, na nossa época, ela afeta uma humanidade organizada de tal maneira que as repercussões do fenômeno têm menos amplidão que outrora. Eis um exemplo atual, dado por esta notícia de um jornal de 27 de março de 1937, relativa a Marrocos:

*"Rabat, 27 de março.* Depois de alguns dias, os postos do extremo sul, assinalam o êxodo, para o norte, de tribos expulsas de seu território pela fome, depois de uma sêca persistente. Para conter as emigrações, a Residência organiza distribuições de cevada. Centros de distribuição e de alojamento acabam de ser criados na região de Tafilalet, nos confins do Draa e do Atlas".

Se eliminássemos dessa informação os traços modernos, isto é, a distribuição organizada de víveres e a criação de centros de alojamento, encontraríamos o fato primitivo, o fato eterno. Para atingir as regiões mais favoráveis à vida, ocupadas por agricultores sedentários, êsses fugitivos expulsam e levam de roldão, se fôr necessário, os grupos humanos que encontram no seu caminho. Quando o fenômeno tem a estepe euro-asiática por teatro, são pastores mongóis montados a cavalo que investem, seja para sudeste, em direção aos campos cultivados dos chineses, seja para o este, em direção aos campos cultivados da Europa. Encontra-se assim, tanto na história chinesa como na história européia, a lembrança do terror inspirado pelos hunos, que eram cavaleiros mongóis oriundos das estepes da Ásia central.

Ora, antes do aparecimento da artilharia, os agricultores sedentários estavam raramente em condições de poder resistir ao primeiro choque dêsses nômades que fugiam da

sêca. A humanidade das estepes, com efeito, está sempre a cavalo e sempre armada, sempre pronta, pois, para o combate. As tribos de que se compõe são móveis e sustentam entre si, pela posse das pastagens, lutas incessantes. O nômade tem assim, pelo menos no início de seus “raides” ofensivos, uma superioridade natural sobre o agricultor sedentário, para o qual a passagem para o estado de guerra é uma operação difícil e desde o início desastrosa, porque exige o abandono da terra. Antes mesmo de empenhar-se em combate, o sedentário deve executar o esforço que encontra uma expressão perfeita no termo moderno de **mobilização**. Tornar-se móvel, isto é, abandonar o campo e a casa para a incorporação a uma tropa, que não se fixará senão em acampamentos passageiros, trocar a charrua pela arma de guerra, tudo isso representa, para o cultivador ocidental, uma soma de sacrifícios inexistente para o nômade, sempre mobilizado, pode-se dizer, de acordo com o amplo sentido dessa palavra. Assim não é de admirar-se que, desde a mais alta Antiguidade, os historiadores dos povos sedentários exprimam a opinião de que esses bárbaros são, senão invencíveis, pelo menos impossíveis de serem castigados de uma vez por todas, a fim de os manter dentro dos limites do respeito conveniente. Aliás, desde o V século antes da nossa era, Heródoto (IV, 46) dá o seu testemunho sobre os citas, nômades que perambulavam pelas planícies meridionais da Rússia:

“Não constroem nem cidades nem muralhas; são todos arqueiros e cavaleiros que se fazem acompanhar de suas famílias — porque vivem não da agricultura, mas da criação de rebanhos, tendo por residência os seus carros — como poderiam eles deixar de ser invencíveis e indomáveis?”

O esforço constantemente renovado que fizeram os sedentários, antes da artilharia, para se acautelarem contra as incursões dos nômades da estepe, teve imensas conseqüências, das quais uma das mais antigas, das que temos conhecimento, foi a adoção do cavalo como animal de guerra, pelas populações da bacia do Mediterrâneo. A manutenção do cavalo, nessa região, é muito mais custosa que a do asno que, sendo mais antigo, permanece ainda hoje como o mais popular dos auxiliares do homem. Para lutar com armas iguais contra o invasor vindo das estepes asiáticas, foi necessário recorrer aos serviços do cavalo, que já monumentos micênicos, datando do segundo milênio antes da nossa era, representam atrelado a um carro de guerra.

Os testemunhos mais impressionantes do temor que as incursões dos nômades inspiravam aos sedentários, são duas

muralhas gigantescas erigidas, uma nas extremidades orientais, outra nas extremidades ocidentais do mundo antigo. A leste, a muralha da China, que defende os campos agrícolas chineses contra as incursões dos mongóis; a oeste, o “limes” latino que, desde o Atlas marroquino até a Líbia e as fímbrias do deserto da Síria, defende a fronteira meridional e oriental do Império Romano contra os nômades dos desertos tórridos. Mas, nesse sistema defensivo, cuja significação geral é muito clara, um grave indício de fraqueza é sensível: ao norte e a nordeste, a muralha ante a qual se detêm o seu poderio, é traçada muito aquém do limite das regiões suscetíveis de agricultura sedentária. E’ visível que nessas planícies do norte da Europa, onde, entretanto, a natureza parecia lhe abrir o mais largamente possível o caminho, Roma encontrou, no seu esforço de expansão territorial, obstáculos intransponíveis, que a impediram de estender o seu poder tão longe quanto teria sido desejável para poder vigiar, dêsse lado, as portas do mundo civilizado.

Parece que antes do Império Russo moderno, nenhuma potência conseguiu jamais impedir, aos nômades da estepe euroasiática, o acesso a essas planícies situadas entre o Ural e a região do Mar Cáspio, verdadeiramente a porta oriental da Europa. Por aí foram desferidos, desde a longínqua Antigüidade até aos tempos modernos possantes golpes de aríete que derrubaram, por diversas vezes, as construções políticas edificadas nas planícies propícias à agricultura sedentária.

Um dos primeiros exemplos que conhecemos data de dois milênios. E’ ainda em Heródoto que o encontramos. Os citas nômades, escreve Heródoto (IV, 11) habitavam a Ásia. Transpuseram o rio Araxes (o Syr Daria, afluente do Mar de Aral) e invadiram o país dos cimérios (região do Mar de Azov). Com a aproximação da invasão cita, os cimérios se reuniram em conselho e se dividiram em dois grupos de opinião contrária. A aristocracia estava resolvida a resistir e a morrer lutando sem jamais fugir, ao passo que a fração popular julgava que seria necessário abandonar a luta e buscar o exílio voluntariamente. Animados desses sentimentos contrários, o povo e os membros da aristocracia formaram dois grupos numericamente idênticos e empenharam-se em combate, um contra o outro. Todos os que morreram assim, abatidos pelos seus irmãos foram sepultados pelos cimérios na margem do rio Tyras (Dniestr), onde seus túmulos, diz Heródoto, são ainda visíveis. Depois, os sobreviventes abandonaram suas terras, as mesmas que os citas, ao chegar, encontraram desertas.

Não se sabe até onde chegaram, na fuga, os sobreviventes do povo cimério. Bem longe, parece, na direção do noroeste, pois que o canto XI da Odisséia, que nomeia os cimérios, os descreve vivendo sob o céu baixo e sombrio dos mares setentrionais, na região dos nevoeiros e das neblinas.

As planícies da Rússia do Sul, expostas ao primeiro choque dos nômades asiáticos, foram teatro de numerosas outras catástrofes do mesmo gênero. Quando começa a era cristã, há muito tempo os citas tinham sido, por sua vez, desalojados por outros invasores da mesma origem. Os que se encontram então nessas paragens, outrora habitadas pelos cimérios, chamam-se sármatas. Uma de suas tribos, a dos jazzyges, avançara até a planície húngara, aí encontrando uma espécie de prolongamento ocidental do mundo estépico. Cada invasão que entra na Europa, pela passagem situada entre o Ural e a região do Mar Cáspio, desaloja das planícies da Rússia meridional tribos que fogem com seus carros, atropelando as populações que encontram pelo caminho.

Assim se propaga de leste para oeste, através das grandes planícies da Europa oriental e setentrional, a vaga de profundidade de que fala Ferdinand Lot. E' uma vaga de terror que se propaga de povo para povo; o que foge é obrigado a abrir caminho para oeste e tomar, assim, a atitude de invasor. Os mais afastados da agitação inicial não podem compreender a causa da catástrofe que se abate sobre eles. Vêm aparecer nas suas fronteiras homens armados, seguidos de carros transportando suas famílias, dispostos a abrir caminho pela violência. Os que não se sentem capazes de defesa, cedem seu lugar e se põem em marcha por sua vez. A continuidade das planícies, estendidas do Mar Cáspio ao Mar do Norte, fêz com que a mobilidade dos grupos humanos, com tôdas suas conseqüências, pudesse alongar-se assim, na Antigüidade, para muito além das regiões em que a aridez do clima a tornava necessária. Propagou-se até a Germânia, que gozava, entretanto, dum clima relativamente úmido e capaz de manter a agricultura sedentária. A instabilidade das antigas populações germânicas é atestada pelas palavras muito precisas de Estrabão, que escrevia nos primeiros anos da era cristã (VIII, 1, 3), quando se refere aos germanos sobretudo aos de leste:

“a emigração é empreendimento rápido e fácil, porque eles não possuem grandes bens nem verdadeira agricultura. Vivem do presente sem fazer reservas, tirando sua principal alimentação do gado, como os nômades, com quem se pareciam mesmo pelo hábito de marcharem seguidos de seus rebanhos e de grandes carros sobre os quais colocam todos os seus haveres”.



E', com efeito, sob êsses aspectos que nos são descritas as hordas bárbaras que as tropas romanas tiveram de enfrentar desde Mário, o exterminador dos cimbros, até o imperador Juliano, vencedor dos francos. Essa mobilidade crônica dos povos que habitavam as planícies setentrionais da Europa explica porque a Germânia escapou ao domínio de Roma. Os romanos, disse Ratzel, detiveram-se no limiar das estepes como se seu próprio organismo fôsse incapaz de adaptar-se ao meio. Na realidade, é o organismo político criado pelos romanos que não pôde fazer para adaptar-se a uma comunidade móvel. A administração romana, assentada sobre a propriedade territorial, supunha a sedentarização das populações que ela anexava.

A instabilidade dos grupos humanos tornava a Germânia refratária, não somente ao estabelecimento da administração romana, mas, desde logo, à própria penetração dos exércitos romanos. César, sobre esse ponto, não pode ser mais claro. Escreve (VI, 29, 1):

“...receioso de carência de provisões, sendo que mui pouco se dão os germanos à agricultura, como se disse, resolve César não avançar mais; ...”.

Pode-se ver o encadeamento das causas e dos efeitos: não sendo verdadeiros sedentários, os germanos não podiam cuidar da agricultura; não faziam reservas e viviam principalmente do gado que levavam consigo. Mas, os exércitos romanos em campanha não dispunham de meios de transporte que lhes permitisse trazer reabastecimento de muito longe. Viviam nas regiões que atravessavam, dos estoques de trigo e de feno, conservados nos centros agrícolas que encontravam pelo caminho. Seu reabastecimento tornava-se muito difícil, senão impossível, numa região de agricultura rudimentar, onde as principais reservas consistiam em rebanhos que os fugitivos levavam consigo. A Germânia escapou assim ao domínio de Roma. Esse grande fato se insere numa série de ações e de reações a qual um fenômeno natural, o clima das estepes euro-asiáticas, deu o impulso inicial.

Da mesma maneira, é bem longe, no interior da massa continental, que é necessário ir procurar a origem do choque decisivo, causador do desmoronamento do Império Romano. No IV século da nossa era, as planícies do sul da Rússia, que tinham sido ocupadas muito antigamente pelos citas, e mais antigamente ainda pelos cimérios, estavam habitadas pelos godos. Ora, mais ou menos no ano 370 apareceram na rota natural das invasões, nas planícies entre o

Ural e o Mar Cáspio, hordas de cavaleiros mongóis, os famosos hunos. Sigamos, no admirável livro de Ferdinand Lot sobre as invasões germânicas, as conseqüências da sua irrupção: exterminaram inicialmente os alanos, que habitavam entre o Cáucaso, o Ural e o Don, e atacaram depois os godos. Entre êstes, os ostrogodos, isto é, os godos de leste, que habitavam ao longo do Don, e que, em razão de sua posição geográfica, eram os mais expostos, foram esmagados em 375. Com a notícia do desastre, os visigodos, que habitavam mais para o oeste, no Dniepr, fugiram em massa, sem ousar sustentar o choque dos hunos. Apresentaram-se como fugitivos no Danúbio, na fronteira do Império, e aí foram admitidos em 376 e instalados sob certas condições. Mas, vendo a porta aberta, os fugitivos se precipitaram em muito maior número do que as autoridades romanas o haviam suposto. A êles se juntaram os ostrogodos que tinham escapado ao desastre infligido pelos hunos. Roma tenta impedir a passagem, mas em vão. A vaga arrebenta-se sobre o Império. O imperador Valente vai ao encontro dos invasores, ataca os godos diante de Andrinopla em 378, mas seu exército é aniquilado e êle próprio é morto. Muitos historiadores consideram êsse desastre como o marco final do poderio romano. Guizot, chegando a êsse ponto de sua história dos romanos, escreve:

“Nós poderíamos nos deter aqui”.

A geografia presta neste ponto um precioso serviço à história, mostrando porque êsses bárbaros, que se apresentam nas fronteiras européias do Império Romano, transpondo-as depois à viva fôrça, são ordinariamente descritos como suplicantes e fugitivos. Vemos, também, de onde veio a pressão que os expulsou de seus antigos lares. A origem de cada uma dessas crises é ignorada, porque ela se situa entre povos que não deixaram documentos escritos. O estudo, entretanto, das condições da vida animal e humana nas estepes áridas, não nos permite duvidar da natureza do acidente que, em regra geral, dá impulso às migrações.

Que essas migrações forçadas, que as catástrofes retumbantes que elas provocaram entre os sedentários sugeriram ambiciosos projetos a êste ou aquêlê chefe de nômades, é claro, e não iremos até pretender que o império de Gengiscão é uma resultante direta e fatal do clima estépico. Mas conceber uma tal empresa e reunir os meios para executá-la não teria sido possível, se a natureza não tivesse imposto aos habitantes das estepes um gênero de vida que os punha em condições de estender seu poderio, com uma rapidez fulmi-

nante, sôbre imensos espaços, se não houvesse estimulado neles sentimentos implacáveis.

\*  
\*   \*  
\*

O impulso uma vez dado, pode-se ver claramente como a geografia física dirige ou canaliza as suas repercussões. A “vaga de profundidade”, rolando de leste para oeste, encontra no seu caminho obstáculos que a detém ou que a desviam. Êsses obstáculos são as montanhas e as florestas.

A **montanha** foi o refúgio das populações ameaçadas, ou expulsas de seu lares pelas incursões nômades. A etnografia do Cáucaso pode ser definida como um agregado disparatado de ruínas de povos, entre os quais foram identificados descendentes dêsses alanos, esmagados mais ou menos em 370 pelos hunos.

Quando, no VIII século da nossa era os árabes, — também nômades oriundos dos desertos tórridos — transpuseram o estreito de Gibraltar e estenderam suas incursões aos planaltos descobertos do centro da Espanha, as montanhas das Astúrias e da Galícia ofereceram à Cristandade o asilo que permitiu refazer suas fôrças antes de começar a ofensiva para a reconquista da península. E quando, no fim da Idade Média, os turcos irromperam nos Balcãs, utilizando outra península que se volta para a Ásia, como Gibraltar se volta para a África, sua cavalaria varreu as planícies até a Hungria, inclusive, sem atingir as montanhas, que ficaram fora de seu alcance. Foram elas, ainda, que ofereceram asilo às populações cristãs e latinizadas como disse um geógrafo sérvio:

... “como vastas ilhas em tórno das quais vinham arrebentar as grandes vagas históricas... refúgios silenciosos e solitários onde vieram se abrigar os povos fugindo diante do tumulto das invasões sucessivas”.  
(*Cvijic, La péninsule balkanique*, p. 28).

Até sôbre as mais altas montanhas, e mesmo em altitudes onde a agricultura não é mais possível, em Stara Planina, ao norte de Sofia, ou no Pindo, encontram-se, ainda hoje, os descendentes dêsses refugiados cristãos que, para adaptar-se a uma natureza ingrata, tiveram de passar à vida pastoril. São os cristãos aromounes — hoje em via de desaparecimento — computados em cerca de 150.000, mais ou menos, em 1920. O próprio nome e a persistência da língua rumena explicam-se também, pela proteção que as montanhas da Transilvânia ofereceram às populações latinizadas, enquanto os cavaleiros turcos varriam as planícies danubianas.

Enfim, na própria planície, a floresta quando é densa e vasta, opõe barreira muito eficaz às tropas de cavalaria nômade, saídas das estepes euro-asiáticas. A tática que faz a força desses guerreiros, quer se chamem hunos, húngaros ou turcos, não é aplicável, com efeito, fora dos grandes espaços descobertos. E' conhecida a famosa passagem em que o historiador Amiano Marcelino descreve a maneira de combater dos hunos:

“Sob o comando improvisado dos grandes, acometem sem preocupação de perigo, ao azar. Atacados, dividem-se em bandos que iniciam a luta lançando gritos os mais variados; reagrupam-se depois instantaneamente, e sua galopada desordenada semeia a carnificina. Sua rapidez é tal que saltam fossos e pilham o campo adverso antes de serem percebidos”.

Maneira essa de combater que perde toda a eficácia em terreno florestado. E' por isso que a vasta planície russa, a primeira da Europa a ser atingida pelas hordas oriundas das estepes asiáticas, não lhes caiu às mãos, a não ser a parte sul, desprovida de arvoredo. Ao norte da linha Kiev-Toula-Kazan, essa planície reveste-se de vegetação florestal constituída de coníferas e de árvores folhudas, menos densas, sem dúvida, que a grande floresta boreal que aparece mais ao norte (ela é cheia de espaços cultivados que se denominam **poljes**) mas já bastante cerrada para opor, às incursões dos nômades, defesa bastante eficaz. Enquanto que no sul da Rússia, sobre os grandes espaços abertos, que correspondem às terras negras da Ucrânia, reina um estado de insegurança crônica, alimentada pela irrupção dos cavaleiros mongóis que foram, depois dos hunos, os avaros, depois os khazares, depois os petchnegues nos séculos X e XI, os polovtses a partir da segunda metade do século XI, os tártaros de Gengiscão no XIII século. Uma segurança relativa, devido à proteção da floresta, permitiu aos eslavos agricultores criar mais ao norte, no século XIII, o principado de Moscou, primeiro núcleo do Estado russo moderno. A floresta, escreve Camena d'Almeida,

“assegurou a salvação da Rússia e a preservou de uma servidão durável. O estado moscovita poderia ser definido: um estado florestal, e isso é a sua originalidade”.

Dêse retiro, ameaçado ainda pelos tártaros no início do XVI século, os czares sairão, a partir do reinado de Ivã o Terrível (2a. metade do XVI século) para empreender contra os nômades de leste e de sudeste, com exércitos munidos de artilharia, uma ofensiva vitoriosa que os levará de Kazan, tomada aos tártaros em 1552, a Baku, atingida em 1723. Graças a essas conquistas, as irrefragáveis migrações dos

pastores asiáticos deixaram de ser temidas pelos sedentários europeus. A invasão dos calmuques, em 1630, não conseguiu ir além das estepes desérticas do baixo Volga. Enfim, os kirghizes, em 1720, não puderam mesmo entrar na Europa e ficaram confinados nas estepes do norte do Mar de Aral. No fim do século XVIII, não é mais uma orla florestal que o Império Russo opõe à invasão dos nômades (êle avançou muito além de suas florestas natais), mas uma linha de bastiões e de baterias de artilharia a barrar a passagem situada entre o Ural e o Mar Cáspio; uma réplica moderna do “limes” erigido pelo Império Romano contra os bárbaros.

A Sérvia, também, nos oferece um surpreendente exemplo do poder defensivo da floresta. Sabe-se que uma das principais vias usadas pelos turcos em seu avanço para o centro da Europa, foi a depressão tectônica de Kossovo Polje, alongada do sul-sudeste para o norte-noroeste, em direção a Prichitina e Mitrovitsa, seguindo a direção geral dos vales pelos quais se mantém as mais fáceis relações entre Salônica e a planície danubiana. Foi aí que em 1389 a independência sérvia pereceu sob os golpes dos turcos, durante uma batalha famosa, em que morreu Lázaro, o último czar da Sérvia.

Causa espanto, quando em viagem pela Iugoslávia, verifica-se, como essas longínquas lembranças ficaram populares, e mesmo presentes no espírito dos iletrados, que evidentemente só as puderam conhecer através de tradições orais. Essa sobrevivência da nacionalidade sérvia, após o desastre de Kossovo, é devida à ação de um outro elemento da geografia física da Sérvia: o maciço da Sumadija, que faz, com o Kossovo Polje, a mais perfeita antítese.

A Sumadija é, ao sul de Belgrado, uma alta região argilosa, coberta até o meado do século XIX por uma vasta e densa floresta de carvalhos. Foi nesse refúgio, dificilmente acessível aos cavaleiros turcos, que se mantiveram como num “maquis”, num “Vercors”, por mais de quatro séculos, o espírito da independência sérvia e a consciência nacional sérvia expressas claramente pelos seus cantos populares. Foi daí que partiu, em 1804, a insurreição libertadora.

Concluindo, podemos verificar pelos exemplos expostos como a história e a geografia se auxiliam mutuamente. Por isso somos daqueles que se opõem terminantemente a que se separem essas duas disciplinas nos currículos das Faculdades de Letras.

ROGER DION

Professor da Sorbonne e da École  
Normale Supérieure (Paris).